

# Financiamento da Renovação das Lavouras de Café

## APLAUSOS AO SR. GOVERNADOR DO ESTADO

Em reunião semanal extraordinária da Sociedade Rural Brasileira, o dr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque, diretor do Departamento do Café, apresentou congratulações ao Sr. Governador Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto, que, bem interpretando o pensamento da lavoura, enviou ofício ao presidente do Tribunal de Contas da União, solicitando o apressamento do processo de registro de contrato entre o Banco do Brasil S.A. e a Comissão Executiva de Assistência à Cafeicultura, a fim de efetivar o plano de financiamento da renovação das culturas de café, para o que fôra aberto um crédito inicial de um bilhão de cruzeiros.

Após propor que fosse expedido um telegrama ao sr. presidente do Tribunal de Contas, secundando o pedido do Sr. Governador do Estado, o dr. Plínio Cavalcanti acentuou:

"Não podemos deixar de encarecer a oportunidade da manifestação do prof. Carvalho Pinto, junto ao Tribunal de Contas da União, para breve registro da importância de 1 bilhão de cruzeiros destinados à renovação cafeeira. Estamos lembrados que ao tempo da administração do sr. José Maria Alkmin, no Ministério da Fazenda, fôra criada a CEAC (Comissão Executiva de Assistência à Cafeicultura), cujo principal objetivo consistia no financiamento de novas lavouras de café. Debatia-se, então, com muito vivo interesse, graças sobretudo a intensa campanha promovida pela A RURAL, o problema da erradicação das lavouras deficitárias e sua substituição por variedades mais produtivas, resistentes e precoces, como o "Mundo Novo", segundo processo mais ativo e racional de plantio. A experiência de Campinas era a resposta definitiva e afirmativa da capacidade de recuperação das chamadas "terras cansadas", para o café bem plantado, pois, graças ao esforço pioneiro de pequeno grupo de lavradores, efetivamente sem qualquer amparo oficial, quer de natureza técnica como financeira, criaram-se produções de café naquele município e nas regiões circunvizinhas em terras há pouco cobertas de eucalipto e de pastagem, em níveis unitários iguais às maiores produções das terras virgens.

A primeira tentativa de efetivação oficial desse grande programa agrônomo no País, o que vale dizer a criação, que nunca se fez entre nós, de uma mentalidade de produção na atividade agro-pecuária nacional, está encontrando um forte entrave de natureza burocrático no registro no Tribunal de Contas da verba, aliás bem diminuta, destinada ao plantio racional do café em substituição aos pés marginais cuja manutenção, notadamente em São Paulo, eleva excessivamente o custo da produção.

Não é demais repetir a significação econômica para São Paulo desse grande planejamento, que nasceu há cerca de 10 anos nesta Sociedade no campo da produção cafeeira. No nosso Estado, o café penetrou num ciclo de impressionante decadência, com uma população aproximadamente de 700 milhões de árvores de fraca produção, e que são responsáveis por uma produção média ridícula, que não excede, nos anos de boa colheita, a 30 arrobas por mil pés. A erradicação desses cafezais cinzentos se processa em ritmo acelerado e é natural e desejável que o Governo intervenha, através da criação de eficiente mecanismo de finan-

ciamento, para acelerar ainda mais o ritmo de eliminação dessa massa enorme de cultura ineconômica. Com isso liberam-se fatores preciosos de produção para outras atividades mais rendosas dentro da própria atividade agrícola, e, no próprio setor da cafeicultura, com poupança do fator terra, graças a espaçamentos menores no plantio e elevado índice de produtividade e precocidade na produção de novas variedades, poderá passar o Estado, em pouco tempo, a uma produção total bem mais elevada que a atual com significativa redução de seu custo médio. São Paulo passou para a fase crítica da cafeicultura. Mantém a maior população regional de café (1,5 bilhão aproximadamente), com uma produção média muito baixa. Produz um café muito caro. Conjugam-se no entanto todas condições ideais para a mais rendosa produção cafeeira do mundo. O grande "bel" cafeeiro se estende nele, penetrando por Minas na região Sul onde são favoráveis as condições de clima e de solo, não só para a permanência da cultura como para a produção do bom café. Temos, por outro lado, além da experiência já secular de seus homens, instalações adequadas para a exploração. Contamos também com um admirável cabedal de experimentação técnico-agrônoma, no Instituto Agronômico de Campinas.



Tiragem de amostra de café, São Paulo.

ciamento, para acelerar ainda mais o ritmo de eliminação dessa massa enorme de cultura ineconômica. Com isso liberam-se fatores preciosos de produção para outras atividades mais rendosas dentro da própria atividade agrícola, e, no próprio setor da cafeicultura, com poupança do fator terra, graças a espaçamentos menores no plantio e elevado índice de produtividade e precocidade na produção de novas variedades, poderá passar o Estado, em pouco tempo, a uma produção total bem mais elevada que a atual com significativa redução de seu custo médio. São Paulo passou para a fase crítica da cafeicultura. Mantém a maior população regional de café (1,5 bilhão aproximadamente), com uma produção média muito baixa. Produz um café muito caro. Conjugam-se no entanto todas condições ideais para a mais rendosa produção cafeeira do mundo. O grande "bel" cafeeiro se estende nele, penetrando por Minas na região Sul onde são favoráveis as condições de clima e de solo, não só para a permanência da cultura como para a produção do bom café. Temos, por outro lado, além da experiência já secular de seus homens, instalações adequadas para a exploração. Contamos também com um admirável cabedal de experimentação técnico-agrônoma, no Instituto Agronômico de Campinas.

imprimido à cultura pelo espírito imediatista do nosso empreendedor rural em busca sempre de terras virgens, avesso habitualmente ao princípio da restituição ao solo, ameaça a permanência da cafeicultura no País, pois se concentra a exploração numa área sujeita a fenômenos climáticos arrasadores.

Lembrou muito bem o ilustre Governador paulista a elevada significação para São Paulo, e por via de consequência ao Brasil, do imediato início dos financiamentos especiais para o café. A produção cafeeira se assenta hoje no binômio produção-custo; para ser efetivamente econômica é preciso que no nosso Estado se desenvolva uma atividade de larga produção de bom café, com profunda redução de seu custo unitário. Não há superprodução para o café fino. Por isso mesmo, não sou dos que junta sua voz às que preconizam a limitação da produção. São Paulo, repetimos, possui as melhores terras e clima adequados para o café. Temos que explorá-las, não extensiva mas intensivamente, não rotineira mas tecnicamente, e com isso teremos uma produção a baixo custo, proporcionando ao Brasil condições de competição capazes de recuperação do quase monopólio de vendas externas que mantivemos por